

FICÇÃO EM PROSA¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p102-113>

José Verissimo

¹ VERISSIMO, José. Ficção em prosa. In: __. *Últimos estudos de literatura brasileira*. 7ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p.230-39.

Tanto quanto os seus livros de versos, este livro de prosa do Sr. Tomás Lopes, o primeiro, creio, que publica, prova que ele é senão só, principalmente poeta. E não porque a sua prosa careça das qualidades do gênero, seja ruim ou lhe venha dificilmente, mas porque ainda fazendo-a o que ele faz é primariamente poesia. Os seus assuntos são antes de poemas que de cantos, ou como melhor se chamem os diferentes artigos, deste seu livro e, a ele, que maneja fácil e formosamente o verso, nada lhe custaria pô-los em verso, fazendo talvez um livro mais interessante do que estas páginas de pouco sabor.

Que a prosa, ainda a de ficção despretensiosa, ainda a de pura imaginação e fantasia, requer alguma coisa dentro. Um conto, até o mais sem ação, uma historieta mesmo a mais simples e sem nenhum enredo deve ser a expressão de uma sensação, de um sentimento, de uma ideia, ter um motivo e compreender o que, à falta de melhor termo, chamarei uma moralidade, que aliás pode ser, sem prejuízo da arte, de uma grande imortalidade. Por sua própria natureza de linguagem da razão, analítica, forçosamente precisa e exata nos seus termos e nos seus modismos e boleios, a prosa não é o instrumento mais apropriado à expressão das sensações vagas e indefinidas, das comoções da alma e de sentimento que só o verso, forma musical da linguagem, e como tal tendo alguma coisa do indeterminado da música, pode significar.

Felizmente, o Sr. Tomás Lopes não cai no ridículo da prosa poética, e a sua prosa é verdadeiramente boa prosa; somente estou que a natureza da sua ficção não cabia nela. Nem eu me deixo impressionar pela *boutade* de Flaubert de que a “exuberância é preferível ao gosto, como o deserto a uma calçada e um selvagem a um cabeleiro”. Esse glorioso e estupendo Flaubert, ele mesmo Bouvard e Pécuchet num só homem, nunca praticou a exuberância, antes pelo contrário, e se preferia, por esnobismo de literato, um deserto a uma calçada, ou um selvagem a um barbeiro, é porque ele nunca se perdeu num deserto de verdade nem viu jamais um selvagem, senão pintado. Se me pagasse de palavras de literatos, à sua *boutade* oporia eu a de Merimée: *le mauvais goût mène au crime*.

Mas não se trata de mau gosto, e a própria exuberância do Sr. Tomás Lopes, se alguma há nele, o que me não pareceu, não colide absolutamente com o bom gosto. Sendo evidentemente a obra de um moço que procura, e não há senão louvá-lo por isso, sair da picada comum, e abrir-se um carreiro novo, foge com bom gosto, e quase sempre escapa, ao excesso e às fáceis exuberâncias com que só se enganam os leitores demasiado ingênuos.

E aquele propósito, se ele ainda o não realiza plenamente, insucesso devido à natureza de poeta do seu talento literário, também lhe não saiu de todo gorado. Um livro de contar aqui é por via de regra, um livro de descrições sertanejas, ou um livro erótico ou picaresco de historietas e anedotas ou burlescas, à pior maneira francesa. Podiam-se contar nos dedos os que não são assim. O do Sr. Tomás Lopes não segue essa rotina, e aí o seu engenho poético lhe serviu a preceito, dando-lhe preocupações mais altas do que a pornografia literária corrente e uma expressão menos material com que as realizou, infelizmente às vezes com demasiadas nebulosidades.

A sua língua é boa e já sóbria, o que é grande mérito; salvo nas páginas *S. José* onde se encontram *volutabro do vício*, *punícea cor*, *sulcar o vale das ruas*, *sodalícios da orgia*, *severizar*, *gualdipério imediato*, expressões preciosas que lhe enfeiam o estilo, o mais é bom e correto.

Um volume da obra dramática do Sr. Coelho Neto (Teatro Rio de Janeiro, H. Garnier, 1907, 280 págs.), com duas “peças”, *Neve ao Sol*, em quatro atos, e *A*

Muralha, em três. O Sr. Coelho Neto, digo-o com toda convicção, é porventura a mais forte vocação literária nascida no Brasil, nas duas últimas gerações, e não lhe faltou o talento necessário para a realizar excelentemente. Mas por desgraça dele e da nossa literatura, da qual aliás é um servidor delicado, copioso e brilhante, sobejou-lhe a fé em si mesmo e faltou-lhe que a crítica, se jamais a teve quando ela acaso lhe poderia ser útil, lhe alumiasse as desvantagens dessa mesma extrema confiança. Foi esta ainda que lhe impôs a resolução de viver das letras, criando-lhe concomitantemente a de um trabalho muito maior do que, se não o seu talento e capacidades, o meio permitia. Porque um escritor não produz somente do que tem em si, por mais que seja, mas, e muito, do que recebe do ambiente em que vive. Por isso, a obra do Sr. Coelho Neto, sem embargo de ser um testemunho incontestável de peregrina capacidade literária, de rara força expressiva, não é, sinto ter de reconhecê-lo, a obra que os seus inegáveis dons prometiam. Com todo o seu brilho e opulência verbal, ainda com a poesia e o sentimento que se lhe possa descobrir, ela é, daquelas com que aqui a podemos comparar, a mais livresca, a mais artificial, a que vem mais de um propósito de literato que da funda inspiração do escritor. Tudo isto, parece-me, se revela na multiplicidade e variedade dessa obra, na diversidade dos seus critérios artísticos e processos estéticos e retóricos e de modas literárias todas por ele seguidas, apenas unidas pelo mesmo estilo, ou antes pela mesma maneira já certa, assentada, imutável, fixada até a monotonia e a fadiga. Revela-se ainda na língua, que sendo sob o aspecto do vernaculismo e do brilho, uma das melhores que aqui se escrevem, é muito mais, senão pelo boleio da frase, pelo vocabulário, portuguesa que brasileira. Sendo um escritor pitoresco, o Sr. Coelho Neto, como se dos livros tirasse as linhas e tintas com que descreve as nossas coisas, as pinta com palavras, expressões e toda a tecnologia de Portugal, donde resulta, por exemplo, a absoluta infidelidade dos seus quadros brasileiros. Ainda neste seu *Teatro* encontro *herdade*, designando um estabelecimento rural ou casa de campo, e uma localidade chamada Val Formoso. Ora, acredito não haver em toda a onomástica geográfica brasileira um sítio com a denominação de Val (e aliás nós dizemos vale), ao contrário frequentíssima em Portugal. Não se me deparou uma só num livro especial que consultei.

Como ao seu cenário, às suas personagens e ao seu drama, e estas peças com maior evidência põem este fato, faltam o ambiente, as caracterizações que auxiliam na arte a realização da criação artística.

Nestas duas peças, com estes senões comuns às melhores obras do distinto escritor, sobressai, o que chamarei um abuso de literatura, quero dizer a muita retórica, que lhe descobre demasiado o artifício. *A Muralha* me pareceu na leitura, como uma novela dramatizada, a melhor. Não sei, porém, que lhe diga do propósito de trazer para a nossa pobre cena, inteiramente alheia ao nosso meio, vivendo miseravelmente dos sobejos do palco português ou do francês, sem nenhum contato ou correspondência com a nossa sociedade, questões e problemas ou casos que de modo algum a preocupam ou lhe interessam como aquele da *Muralha*. Por ora tudo isto é apenas para nós literatura e literatura francesa ou, o que é o mesmo, apresenta-se-nos sob este aspecto artificial. Não lhe achamos raiz na nossa vida ou o escritor, e é o essencial, não no-la soube descobrir.

Estas duas novas obras do Sr. Coelho Neto, entretanto, não obstante prejudicadas pelo que julgo a sua errônea intuição artística e pela artificialidade da sua estética, não lhe deslustram o nome de escritor dos mais justamente apreciados da sua geração. Há nelas, talvez até superabundantemente, as suas qualidades de composição metódica, regular, já fixa, de escrita intencionalmente artística, de invenção, imaginação e fantasia, a sua poesia, tudo com a excelência de um escritor feito. Mas há nelas também, em *Muralha* principalmente, espírito de mais, que trai o literato sob o escritor. Em algumas cenas o espírito esfusua por tal forma que se tem a impressão do propósito de o fazer, os diálogos são torneios de graça, as falas são trechos escolhidos de chistes e conceitos, tudo com um verdadeiro abuso de imagens, metáforas, galante, bonito, sem dúvida, mas tresandando à literatura e artifício, com prejuízo da vida, que é a essência da Arte e a alma do teatro. Os seus personagens falam preciosamente, difícil, como diz o provo, com frases e vocábulos rebuscados, raros. É que por todos, grave defeito, fala o autor.

Camila é um compêndio de imoralismo comum, de filosofia vulgar e pessimista. Estela dirigindo-se a uma pobre mulher ignorante e parva, expressa-se assim: “Diga-me se a senhora se visse entre as feras famintas, sentindo-lhe o hálito quente, vendo-lhes as garras agudas, o pelo arrepiado, as faces arrepanhadas, mostrando os dentes, no antegosto da carnagem...” – Narciso, um comendador dinheiro do tipo clássico, à Estela – a quem pretendeu seduzir: “Fico à distância; nem quero que a minha sombra sirva de tapete aos seus pés”. – Outro pobre homem, o quase sandeu Sérgio, sentencia: “O criador é o vetor da difamação” – E aquele mesmo comendador fala de “moral lapidada pelo sofrimento” – Estela confessa-se medrosa da corte que o comendador lhe faz oferecendo-lhe “sainetes” de sedução e a mesma heroína no momento de abandonar a casa do marido e a este faz imagens: “Parto como o pássaro que distraidamente, pousa em um ramo podre, frágil demais para sustentar um ninho...” e a metáfora prossegue. Nem há lance por mais patético que lhe tire o sangue frio de as inventar a de discursar longa e imaginosa.

O Sr. Artur Azevedo – sou obrigado, mau grado meu, a fazer esta comparação, eu que as desadoro – não terá a vistosa imaginação, a rica fantasia, a luxuriosa beleza de expressão, nem o rico vocabulário do Sr. Coelho Neto. Mas, sobre ser mais do que este um homem e um autor de teatro, com as qualidades e defeitos que o gênero exige, é um escritor mais simples, mais natural, mais humano. É disso um documento esta sua despreziosa comédia *O Dote* (*O Dote*, comédia em três atos, M. Piedade & C., Rio, 1907, 102 págs.), em que o assunto não tem novidade alguma e é tratado sem estudada preocupação literária, mas em que há vida, vida real e que, na sua mesma desafetação, nos empolga e comove. E eu creio que esta é a melhor arte. Não sei, porém, se uma ou outra obra como esta resgatarão os feios pecados do Sr. Artur Azevedo contra o teatro nacional, tanto mais imperdoáveis quando ele tem a consciência deles e lhes mede a gravidade.

Ninguém, com efeito, prejudicou mais o teatro brasileiro, apesar do grande e sincero amor que lhe tinha, do que Artur de Azevedo; primeiro empregando o seu talento real para o teatro, e os seus excelentes dotes de escritor, em obras inferiores, revistas de ano, *arregios*, paródias e quejandas, dando assim o mau

exemplo de colaborar na obra de decadência do mesmo teatro; segundo com a sua crítica ultracondescendente, relaxada, de peças, autores e atores.

São uma estreia, creio, as *Ruínas* do Sr. Mecenas Rocha (Porto, 1907) jovem escritor paraense. O título é melancólico de mais para um livro de moço. Aliás este moço parece ter uma alma de tristeza, o que é, aliás, menos trivial que uma alma de alegria. E é talvez este estado da sua, mais do que a sua imaginação, que é escassa, e o seu estilo, que é ainda o de um principiante incerto, que dá ao seu livro o sainete que se lhe possa achar.

Não foi sem comoção que o abri. É do irmão de um homem a quem muito quis, de um mancebo, diria eu melhor, muito prematuramente roubado à vida e às letras, para a quais o fadava um raro concurso de peregrinas qualidades nativas e adquiridas no comércio íntimo, demasiado íntimo até, da literatura contemporânea: Camerino Rocha. É a sua “santa memória” dedicado, e à idealização da sua curta vida, cruel moléstia e doloroso trepasse são consagradas a suas primeiras páginas.

Camerino Rocha foi uma das sensibilidades estéticas e literárias mais finas, mais intensas e dedicadas que jamais conheci. Essa esquisita sensibilidade, refinada até à morbidez, era a sua feição principal, e nele se exagerava por uma cultura propositada e intensa das raízes de que derivava. Ele foi um doente de literatura e de arte, e a sua doença consistiu em ter pretendido viver subjetiva e objetivamente as duas. Sob este aspecto, esse espírito da última hora foi um romântico retardatário. Mas desta mesma incoerência sabia ele tirar efeitos literários de estranha singularidade de pensamento e de expressão, que infelizmente se perderam em palestra e discussões com seus camaradas de boêmia literária ou artística. Foi um doente de literatura, repito, e dessa doença morreu, como um poeta da metade do século passado, mas conservando em toda a sua rápida e, ao menos para os que o conheceram, fulgurante existência de ideias, de sensações, de projetos, de ilusões de arte e literatura, um fundo inesgotável e incorruptível de bondade, de ingenuidade, de honestidade e carinho.

Descobre-se alguma coisa daquela sua sensibilidade no livro de seu irmão, mas bem longe da espontaneidade e da intensidade da sua e sem a fina intuição crítica, que talvez por excessiva inutilizou o que havia em Camerino Rocha capaz

de uma obra, que ele nem sequer iniciou, dispersando-se todo em conversações e esterilizando-se em projetos.

O Sr. Conselheiro Nuna de Andrade é um dos nossos doutores que desde meninos de preparatórios andaram borboletando em torno da flor da literatura, sem tomarem jamais a resolução de pousar nela ou de lhe fugirem de vez. Fazem sempre a literatura ambulante e vagabunda das palestras, algumas vezes deliciosas, dos salões e ainda das cátedras professorais, mas sempre intimamente receosos de que o serem de fato literatos, escritores de ofício ou poetas de livro lhes não prejudique a seriedade da profissão e o bom renome no meio burguês em que vivem. Ao menos era assim, não há ainda muito tempo.

Receio tenha sido este o caso do Conselheiro Nuno de Andrade e lastimo se, como presumo, foi, pois havia evidentemente neste a massa de um homem de letras, quiçá de um grande homem de letras. O seu primeiro livro literário, publicado agora (*Contos e Crônicas* de Felício Terra, (pseudônimo do Conselheiro Dr. Nuno de Andrade) Rio, E. Bevilacqua & C., s.d.), quando o autor já passou a época abençoada das estreias, é apenas documento do que perderam as nossas letras com o não o verem estreiar há trinta anos. Por que é um livro de moço que se inicia na literatura com uma coleção um pouco disparatada de contos, crônicas, fantasias, de uma imaginação que, se não tem mais a frescura juvenil, também lhe não tem o desmancho e descompostura, e que sabe supri-la vantajosamente com os arrebiques da experiência e do saber.

Há mesmo nele senões que iludem, a rebusca e o preciosismo da ideia e da frase, o gosto do paradoxo, a sentimentalidade romântica ou romanesca. Esta, aliás, era mais dos moços do nosso tempo que dos de hoje, por via de regra práticos, precocemente desabusada, nada sentimentais.

O que não é deste é a segurança e desembaraço no escrever, um estilo, quaisquer que sejam os seus defeitos, de bom cunho, embora visivelmente prejudicado pela natureza do trabalho jornalístico (pois são artigos de jornal), sempre apressado, e acaso também pela rebusca manifesta de uma maneira original. Igualmente, não é de moço a ironia perene, por vezes amarga, não raro, porém, deliciosa, que é o principal sainete destas páginas, revendo talvez emoções que felizmente para ela a juventude não conhece.

Em suma, um livro curioso e mesmo interessante este de Felício Terra, que os editores, os seus amigos, julgaram dever expressamente declarar pseudônimo do “ilustre escritor” Conselheiro Dr. Nuno de Andrade.

Se não me engano, há tempos li e ouvi desta ideia luminosa: do Governo encomendar ou premiar romances e novelas e outros livros que em forma amena e divertida pudessem, traduzidos em línguas menos escusas do que a nossa, ilustrar o ignaro e desdenhoso estrangeiro e alumiar-lhe a opinião sobre as excelências da nossa terra, dando-lhe do mesmo passo documentos do nosso gênio literário. Como tão comumente sucede a tanta ideia boa, esta, parece, não chegou a frutificar, e veio apenas a lume no aplauso insuspeito de escritores, que naturalmente se dispunham a pôr o seu imenso talento e fulgurante estilo ao serviço de seu intemerato patriotismo.

Pois se houvesse vingado, eis aqui um livro, *A Tríplice aliança*, do Sr. Raul de Azevedo, que o seu título político-diplomático faria grandemente jus à tradução oficial e ao prêmio. E poderia reclamá-lo não só do Brasil, mas da Argentina, do Chile e de toda a América, se naqueles países e nos demais do continente, houvesse a mesma sábia instituição de tal propaganda estético-patriótica. Com efeito, a novela do Sr. Raul de Azevedo, jovem e esperançoso literato amazonense, é tríplice e omnimo da mente laudatória de todas as superioridades americanas: Brasil, Argentina e Chile e o resto.

Como novela, é um romance de adultério, com um *ménage à trois*, que ao começá-lo eu tomei pela tríplice aliança, de que reza o título. Enganei-me. A novela do adultério da mulher e um dos dois amigos íntimos e sócios com o outro, banalidade da vida e do romance a que só um raro talento literário pode dar ainda algum realce, é apenas o pretexto para discussões e dissertações político-nacionalistas-americanistas entre os dois amigos, o enganado e o enganador. Uma ou outra vez os aparteia a apagada heroína da fatigada história. Essas discussões e dissertações, num estilo de artigo de fundo, absolutamente não têm ligação alguma, direta ou indireta, próxima ou remota, como drama ou comédia que nos conta o livro.

Alberto, o marido enganado, era republicano; Jorge, o amigo pérfido, monarquista. Não obstante amicíssimos e sócios na mesma casa de comércio frequentemente contendiam por suas ideias. A eles junta-se na amizade e nas discussões certo Dr. Luciano, “jornalista de têmpera rija, e escritor fino e penetrante”, no que cremos por no-lo afirmar o Sr. Raul de Azevedo, embora não o vejamos confirmado nos longos e banalíssimos discursos que a cada momento pronuncia. É este doutor jornalista quem lança entre aqueles dois interessantes mercadores de Manaus a ideia também luminosa (é estupendo o que há neste país de ideias luminosas!) de que “é preciso que o Brasil, o Chile, e a Argentina façam a aliança mais absoluta na guerra como na paz. Que a Europa e, principalmente, a América do Norte saibam que a América do Sul é um só território patriótico: – *solus, totus et unus*. Está forte porque é unida”.

Esta ideia ele a preconiza e discute todas as vezes que fala nas 214 páginas do livro, com a mesma abundância e calor, e no mesmo tom, que se por ela propugnasse numa assembleia legislativa ou num congresso diplomático. Para justificá-lo entoa ditirambos aos países americanos que quer aliar. A sua geografia física e econômica e ainda a política, a sua história, a sua cultura, tudo serve à apologia da aliança. “Veja a Argentina, diz a um dos amigos menos convencidos das suas razões. Ah! Tem um grande país com exército e armada que podem ser citados...” São duas páginas, sobre as excelências da Argentina, que eu não transcrevo porque, bom brasileiro, não lhe quero fazer reclamo; muitas sobre as do Chile e do Brasil. Estando na ordem do dia o povoamento do solo, estas são preciosas:

“O Brasil, dizia o doutor Luciano, estava pronto para receber o imigrante honesto. Viesse dar o seu contingente de trabalho, e o lucro para ele não seria uma miragem. A terra era fértil e grata como nenhuma outra. Não, ele não era contra a imigração, quando nós precisamos de braços. Seria impatriótico. Queria, sim, que o estrangeiro viesse trabalhar conosco, partilhar do nosso pão, tirar a remuneração do seu esforço. Mas tudo digna e honestamente, sem a ambição de estender o domínio da sua pátria, fosse qual fosse, até o solo brasileiro. Nunca!

... Com que íamos povoar todas essas matas virgens que aí então, de uma riqueza incalculável, e todos esses terrenos devolutos? Com o estrangeiro trabalhador e digno, com uma imigração regulamentada e séria, tendo-se em vista a qualidade e não a quantidade. A cultura é fácil. A mandioca, a batata, o feijão, o milho, o inhame, o arroz, a banana, tudo, tudo se encontra numa fertilidade extraordinária. O café, ao sul, é de abundância única e de qualidade sem competidor no mundo; no extremo norte, a goma elástica, sem igual no globo, enriquece o país assombrosamente. O fumo, a cana-de-açúcar, o cacau, a castanha, a piassaba, o algodão, o mate, a laranja, o vinho, o guaraná, a carnaúba etc. – aí estão, fontes inesgotáveis de riqueza espalhadas no Norte e Sul. Que necessidade há por exemplo de importarmos o trigo e o arroz?”

Não sei se já em literatura qualidades que sobrelevem ao patriotismo e ao espírito prático, industrial; se, como creio, não as há, a novela do Sr. Raul de Azevedo, modelo acabado de romance de propaganda de imigração e informação do Brasil, é uma obra-prima, e merece ser traduzida e divulgada em todas as línguas europeias.

O estrangeiro boçal que nos desconhece aprenderia nele, simultaneamente, divertindo-se e ilustrando-se, como é o ideal de certa pedagogia, as incomparáveis riquezas do nosso solo, as belezas indizíveis da nossa natureza, as tentadoras atrações de nosso país, e como podia aqui enriquecer plantando inhame, feijão, mandioca, milho, banana... Além disso, o que lhe acabaria de dar a mais alta ideia de nós, ficaria sabendo que nesta terra, por ele julgada bronca e bruta, não vingam somente aquelas culturas exóticas senão também as mais esquisitas flores da civilização. Que em cidades recônditas, como Manaus, a dois passos da plena selvageria primitiva, floresce esse produto das mais refinadas, o adultério mundano e elegante, com os seus retiros escondidos, uma casinha entre arvoredo, tal qual em Neuilly ou Auteuil, de par com os romances de Bourget, o clássico do delicioso pecado, o teatro de Dumas e quejandos primores da civilização...

Não me parece que no período aqui noticiado, houvesse a nossa ficção em prosa, particularmente a nossa novela, produzindo nada mais interessante, como novidade, como esperança, como promessa que as *Recordações do escrivão Isaías*

Caminha do novo escritor Sr. Lima Barreto, que com ela estreou. Certamente há melhor, bem melhor, como composição, que a desta novela é ainda laxa e incoerente, como linguagem, que a desta ainda é incerta e descuidada, como estilo, que ao desta, sem embargo de qualidades intrínsecas que só falta assentar e desenvolver, mingam ainda as virtudes literárias da intensidade, da precisão, da expressão adequada e justa.

Não há, porém, igual como inspiração, como originalidade, como manifestação de uma personalidade literária, a quem pouco faltará para ser um escritor distinto. Quis o Sr. Lima Barreto, saindo da imitação da comum novela francesa e portuguesa de amores, adultérios, porcarias sentimentais ou casos monstruosos, representar num quadro de romance certos aspectos sociais da nossa vida de grande capital, quiçá por demais presumida de si, vista pelos olhos e sentimentos dum mesquinho rapaz que do interior vem tentar a vida nela. O quadro saiu-lhe acanhado e defeituosamente composto, e a representação sem serenidade, pessoalíssima. Disto resultou graves máculas na transposição – que é toda a grande arte e a dificuldade da ficção do real para o fingido. E o seu livro tem frequentemente mais ares de panfleto, e violento, do que de romance, como a sua linguagem, ainda por isso, toma o feitio daqueles jornalistas que com tão sincera e justa paixão, mas com somenos arte, retrata e fustiga. Há trechos seus que parecem desses jornais, dos quais nos deu uma excelente caricatura. A quase todas as suas personagens, crismadas com pouca inventiva, pode-se pôr um nome conhecido, e não faltará quem nisto encontre um dos méritos do livro. Eu, não. Acho ao contrário que é um dos seus defeitos. Arte não é cópia, ou é cópia feita, passada, coada através de um temperamento de artista. É a transposição do real, operada sem dúvida com elementos do real, mas artisticamente recriados, e não simplesmente transferidos como da chapa fotográfica se transfere para o papel a imagem apanhada. E infelizmente foi o que principalmente fez o Sr. Lima Barreto. O maior percalço deste processo é que, passados anos, – e a mais nobre aspiração da obra de arte é viver – quando novas gerações lerem livros tais não lhes encontrarão nenhum sabor, pois o que sobretudo lhes dava interesse épico, desapareceu com a geração que fotografavam.